
Empoderar como? Música e ativismo no maracatu Baque Mulher Lisboa¹

Tatiana Rodrigues Lima²

RESUMO

Investigamos como o maracatu Baque Mulher, fundado por mulheres negras na periferia do Recife (PE), contribui para erguer mulheres brancas, negras e mestiças que partilham a condição de imigrantes e integram o Baque Mulher Lisboa. O slogan “Movimento de empoderamento feminino” motivou a reflexão teórico-conceitual, baseada em textos de referência do feminismo negro, e o recorte das expressões performáticas e das situações de ativismo discutidas. O estudo envolve metodologias do campo da comunicação da música e da etnomusicologia, incluindo observação participante, entrevistas e análise cancional. Conclui-se que a performance e as loas do maracatu contribuem para o empoderamento, assim como as ações de acolhimento, formação, troca de informações e atos políticos realizadas pelo grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Maracatu; Empoderamento; Música Popular, Feminismo; Comunicação.

1 Introdução – Um maracatu contra o patriarcado

A proposta deste texto é confrontar a discussão teórica do pensamento feminista negro sobre os sentidos do empoderamento com algumas das práticas e produções artísticas do Baque Mulher, grupo de maracatu surgido no Recife, que tem núcleos em 26 cidades brasileiras e em Lisboa, e cujo figurino estampa a frase: “Movimento de empoderamento feminino”. O slogan funcionou como *leitmotiv* para a indagação teórica e para o recorte das expressões performáticas e das situações de ativismo discutidas neste estudo, que é pautado na comunicação da música e em pesquisa etnomusicológica envolvendo observação participante e entrevistas, tendo o Baque Mulher Lisboa como foco. O grupo da capital portuguesa possui um marcador específico: agrega um número significativo de imigrantes brasileiras e algumas espanholas, como se verá adiante. Esse

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, no XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CECULT-UFRB), e-mail: tatianarodrigues@ufrb.edu.br.

fato levou a reflexão ao encontro das teóricas negras que discutem empoderamento levando em conta as interseccionalidades.

As mulheres do baque das cidades brasileiras e de Lisboa são de variadas identidades étnico-raciais; em sua maioria são da classe trabalhadora ou estudantes, em condições econômicas que vão da pobreza à classe média. Partilham pautas em comum de combate à opressão de gênero, mas o grupo de Lisboa tem um diferencial: são mulheres que vivenciam a experiência e as dificuldades legais, culturais e sociais de morar fora do seu país de origem.

O Baque Mulher foi fundado em 2008 por Joana D’Arc da Silva Cavalcanti, a primeira regente mulher de um Maracatu de Nação³, o Encanto do Pina. Mestre Joana, como é chamada, é ainda regente da ala de agbês do também tradicional maracatu Porto Rico, além de compositora, percussionista, cantora e Ialorixá no terreiro Ylê Axé Oxun Deym. Incomodada com a opressão sofrida por suas vizinhas na localidade do Bode, uma comunidade de baixa renda do bairro do Pina, na cidade de Recife, a maestra as convidou para tocar aos domingos. Nesses ensaios foi se delineando o formato do movimento. “Começamos a conversar mais. Começamos a ter relatos dos abusos, dos sofrimentos diários que a gente convive dentro da comunidade. Então daí surgiu o Baque Mulher” (CAVALCANTI, 2016, s/p)⁴.

Por quatro anos o Baque Mulher atuou apenas na cidade do Recife, com ensaios, apresentações, rodas de conversa e oficinas de percussão voltadas para mulheres. “A partir de 2013, integrantes do Baque Mulher que residem em outras localidades passaram a fortalecer esse coletivo e iniciaram ensaios em suas cidades, promovendo a formação do que foram chamados de grupos filiais”⁵. Elaborou-se um Regimento Interno, em agosto de 2016, que aponta como objetivo do movimento (Artigo 1º, p.3) “fortalecer a figura da mulher como protagonista”. O documento afirma que a participação dos homens em atividades de apoio é bem-vinda, porém todas as decisões são tomadas por mulheres. O texto indica ainda no Artigo 2º (p.3) que é finalidade do grupo promover “rodas de

³ Maracatus de Nação têm como integrantes um número significativo de alabês, músicos que tocam nas cerimônias religiosas dos ylês, as casas de candomblé. Trata-se de uma manifestação cultural diaspórica produzida por uma maioria afrodescendente que, embora se autodenomine Nação de Maracatu, agrega pessoas cujos ascendentes podem ser originários de mais de uma nação africana. Essa hibridação de etnias é reflexo da própria conformação da diáspora no Brasil, que se reflete nos terreiros aos quais os maracatus estão vinculados. Há terreiros em que convergiram referências e práticas de mais de uma nação africana e há aqueles que trazem traços mais fortes de uma determinada nação.

⁴ Depoimento oral extraído da reportagem “Primeira mulher a assumir a regência no maracatu nação, Joana conta sua história”, do coletivo Maruim. Disponível em: <https://youtu.be/i2vd5TSzaJA>. Acesso em: 18 jul. 2021.

⁵ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/baquemulherlisboa/about/?ref=page_internal. Acesso em: 09/12/2019.

diálogo, no mínimo quinzenais, que contemplem o debate de temas como machismo, racismo e intolerância religiosa entre outros, considerando especialmente as diversas realidades nas quais as mulheres estão inseridas”. Sugere também a oferta de cursos e oficinas, especialmente para jovens em situação de vulnerabilidade.

Um trecho do regimento do grupo requer especial atenção: “o uso da saia nas apresentações oficiais é considerado fundamental, por representar a luta histórica de resistência das mulheres dentro das Nações de Maracatu de Baque Virado” (Artigo 5º, p.4). Os primeiros maracatus de que se tem notícia existiram no Brasil colonial e o ingresso de mulheres nessas orquestras ocorreu somente em finais do século XX, quando elas precisavam vestir o figurino masculino e ocultar ao máximo sua identidade de gênero. Em oposição a isso, a visualidade do Baque Mulher dá ênfase aos elementos associados culturalmente a um corpo feminino, como o uso de saias longas e rodadas e de adereços nas cores do grupo (rosa e laranja).

Logo quando eu assumi o Encanto do Pina, passei uma barra. [...] Muitos homens diziam: ‘Ah o Encanto do Pina não tem fundamento, não tem axé porque é uma mulher que está na frente’. De 15 anos para cá [2016] é que a mulher passou a tocar um tambor (no maracatu), porque era proibido [...] Tem maracatus que não deixam ainda a mulher tocar tambor no Recife. (CAVALCANTI, 2016, s/p)

As redes telemáticas são utilizadas para manter a coesão entre as diversas filiais. Toques básicos, danças, e os arranjos de cada loa (canção do maracatu) circulam em vídeos, a fim de que sejam fonte de estudo individual e de ensaio das batuqueiras nas diversas cidades. Os audiovisuais e o material organizacional ficam em pastas compartilhadas no Google Drive. São usados também vídeos publicados em perfis nas redes sociais, onde ocorre a divulgação de atividades e apresentações. As consultas para decisões colegiadas são feitas mediante grupos de Whats App.

Em que medida o Baque Mulher contribui para o empoderamento das batuqueiras e das minorias em geral? Como ocorre o empoderamento? Antes de responder a estas indagações, discutimos adiante possíveis entendimentos sobre a ideia de empoderamento.

2 Empoderamento o quê? – o debate em torno do conceito

“Empoderar requer mais que transformar a consciência individual das mulheres negras por meio de estratégias de desenvolvimento da comunidade negra. O

empoderamento também exige mudar as injustiças sociais”, afirma Patricia Hill Collins (2019, p.433) no capítulo final do livro *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. A asserção aponta para o atual estágio de compreensão do conceito que vem sendo discutido desde o século XX nos âmbitos do feminismo acadêmico e da militância negra. O coletivo brasileiro #NãoMeKhalo, por sua vez, apresenta de forma sucinta o mesmo argumento que é uma das principais justificativas para o entendimento de empoderamento como agência de impacto no coletivo: “não há autoestima nesse mundo capaz de derrubar, por si só, um sistema econômico, político e cultural que coloca as mulheres abaixo dos homens” (DE LARA; RANGEL; MOURA; BARIONI; MALAQUIAS, 2019, p. 100).

Esta investigação sobre os elementos de empoderamento presentes nas expressões e atividades do Baque Mulher Lisboa faz coro às reflexões de Patricia Hill Collins (2019), compreendendo que empoderamento envolve a conquista de poderes em nível pessoal (autodefinição), desde que se desdobrem em fortalecimento comunitário e/ou perante o sistema político, econômico e social vigentes. “Trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança” (RIBEIRO, 2018, p. 35).

A palavra empoderamento já teve empregos variados. O termo é encontrado com sentidos tão diversos que alguns autores chegaram a defender sua substituição pela palavra “fortalecimento”, como assinala Joice Berth (2019, p.19), que fez um levantamento da ocorrência do verbo *empower* e do substantivo *empowerment* em dicionários norte-americanos, encontrando registros do uso do neologismo desde a edição de 1651 do *Merriam-Webster Dictionary*. Muitas vezes o termo empoderar foi empregado no sentido de obter alguma emancipação individual consonante com a ideia de *self-made man (woman)*, em equivocados “entendimentos de que empoderamento feminino é a superação individual de certas opressões, mas sem romper de fato com as estruturas opressoras” (BERTH, 2019, p.35). Esta utilização é rechaçada pela autora e por outras pensadoras feministas negras. “O empoderamento não pode ser autocentrado, parte de uma visão liberal, ou somente transferência de poder” (RIBEIRO, 2018, p.136). Em consonância com esta corrente, não é produtivo também aceitar como empoderamento o resultado de projetos e de políticas públicas assistencialistas que não propiciam autonomia. Nestas circunstâncias o conceito foi “cooptado pelo discurso dominante do *mainstream* de agências internacionais, como o Banco Mundial, para servir como um instrumento de manutenção das práticas assistencialistas, de modo a continuar exercendo

o controle social sobre grupos oprimidos e não incentivar a transformação” (BERTH, 2019, p. 45).

Outro emprego que esvazia a potência do conceito é aquele associado à afirmação da beleza para além do padrão estético do opressor pura e simplesmente. Quando uma mulher valoriza sua forma corporal divergente dos padrões ocidentais de peso, textura de cabelo, cor de pele, traços étnicos, faixa etária etc. esta atitude configurará empoderamento caso impulse alguma agência coletiva no sentido de, por exemplo, influenciar positivamente outras mulheres, conseguir a adequação de equipamentos públicos para as variadas dimensões corporais, usar de meios de comunicação pós-massivos e massivos para a inclusão e visibilidade dos corpos de forma positiva (e não na forma de estereótipos) etc. O debate é complexo:

Muitas são as críticas sobre os limites e incongruências do potencial da estética no processo de empoderamento. Todas pecam sobremaneira quando subestimam a potência que gera a confiança na própria imagem. Não é possível passar por um processo de empoderamento produtivo se não nos fortalecermos e nos encontrarmos dentro da nossa própria pele. (BERTH, 2019, p. 74)

O fortalecimento da autoestima pela afirmação de padrões estéticos contra-hegemônicos no âmbito individual exclusivamente proporciona autoconfiança, mas a afirmação da aparência empodera indubitavelmente quando contribui para que as mulheres se tornem potentes na esfera pública. Considera-se que o empoderamento coletivo inclui as conquistas individuais, mas o inverso não ocorre. Uma mulher negra, ou imigrante, ou portadora de deficiência que avança em termos de ascensão econômica ou social continuará sujeita à violência, à opressão, ao sexismo e a outros preconceitos até que a sociedade avance no sentido de extinguir essas discriminações. Angela Davis (2017) já defendia nos anos 1980 a necessidade de avançar do ponto de vista individual concomitantemente à promoção do empoderamento coletivo. “Precisamos nos esforçar para ‘erguer-nos enquanto subimos’. Devemos subir de modo a garantir que todas as nossas irmãs, independentemente da classe social, assim como todos os nossos irmãos, subam conosco. Essa deve ser a dinâmica essencial da nossa busca por poder” (DAVIS, 2017, p.17).

O amplo acesso das mulheres e de outros segmentos sociais oprimidos a moradia e emprego é um dos pilares para o empoderamento, segundo Davis (2017, p.21). Ao se

debruçar sobre as condições enfrentadas por mulheres afro-americanas e pela população de imigrantes dos EUA, ela aponta para as interseccionalidades.

Quando nós, enquanto mulheres afro-americanas, enquanto mulheres de minorias étnicas, continuamos a subir em direção ao empoderamento, erguemos conosco irmãos de minorias étnicas, nossas irmãs e irmãos da classe trabalhadora branca e, efetivamente, todas as mulheres que sofrem o efeito da opressão sexista (DAVIS, 2017, p. 23)

Esse aspecto é de especial interesse para o presente estudo, porque investigamos como o baque fundado por mulheres negras, da periferia do Recife, contribui para erguer mulheres brancas, negras e mestiças que partilham a condição de imigrantes em Lisboa.

2.1 Quatro domínios do poder

Em suas considerações sobre uma política de empoderamento, Patricia Hill Collins (2019, p.437) afirma que “qualquer matriz específica de dominação (...) é organizada em quatro domínios de poder inter-relacionados: o estrutural, o disciplinar, o hegemônico e o interpessoal”, que comentamos a seguir, porque serão confrontados com os dados e situações empíricos do Baque Mulher. O *domínio estrutural* do poder diz respeito ao acesso ao mercado de trabalho, à escola de qualidade, à saúde, à moradia, a financiamentos bancários, temas que estão no horizonte de demandas das batuqueiras de Lisboa principalmente das que migraram do Brasil e da Espanha para trabalhar, o que implica também em tentar um visto de residência. O *domínio disciplinar do poder* refere-se às normas que determinam quem terá acesso a qual estrutura, segundo Collins. Para ela, obter o domínio disciplinar requer uma “resistência desde dentro”, ou seja, “a ocupação de posições de autoridade nas instituições sociais para assegurar que as normas vigentes sejam administradas de forma justa e, se necessário, que políticas sejam mudadas” (COLLINS, 2019, p.444). Em acordo com Collins, Djamilia Ribeiro (2018, p. 136) defende que “empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos”.

Articulando os domínios estrutural e disciplinar está o que Collins chama de *domínio hegemônico do poder*. “Ao manipular a ideologia e a cultura, o domínio hegemônico do poder atua como um elo entre as instituições sociais (o domínio

estrutural), suas práticas organizacionais (o domínio disciplinar) e a interação social cotidiana (o domínio interpessoal)” (COLLINS, 2019, p.448). O domínio hegemônico é relacionado tanto ao senso comum quanto ao contexto epistemológico. Submeter-se a este domínio é “por exemplo, a adesão a padrões externos de beleza [que] leva muitas afro-americanas a não gostar da cor de sua pele ou da textura de seu cabelo. Da mesma forma, a internalização da ideologia de gênero predominante [que] leva alguns homens negros a abusar das mulheres negras” (COLLINS, 2019, p.451). Para se contrapor ao domínio hegemônico Collins afirma que o passo inicial é o “poder da autodefinição” que se inicia com o *domínio interpessoal do poder* exercido em atitudes de resistência no dia a dia da mulher negra. São insurgências cotidianas no âmbito micro, as “maneiras discretas, mas criativas, como as pessoas comuns se esforçam para mudar o mundo ao redor delas” (COLLINS, 2019, p.454). Collins (2019, p.454) dá como exemplo uma mulher que enche o carrinho de compras e o abandona antes do caixa como ato de resistência porque foi seguida por um segurança⁶.

Entende-se a partir da discussão realizada até aqui que a ideia de empoderamento envolve conquistas coletivas em torno da redução (mirando a extinção) de opressões que se dão interseccionalmente e são conectadas a performances de gênero femininas ou desviantes, à classe social, à cor da pele e a outros aspectos. As atividades do Baque Mulher Lisboa que tinham por objetivo o acesso à cidadania, à educação e às políticas públicas (acesso aos domínios estrutural e disciplinar do poder) e as expressões de afirmação da beleza negra, das religiões de matriz africana e outros aspectos da cultura afro-diaspórica (que envolvem os domínios hegemônico e interpessoal) presentes nas letras, na música e nos arranjos das loas do maracatu serão tratadas nos itens a seguir.

3 Empoderando quem e empoderando como? – batuqueiras, ativismo e música

Empregando procedimentos etnográficos de observação participante em ensaios e apresentações do Baque Mulher Lisboa, no período entre novembro de 2019 e outubro de 2020⁷, em associação com entrevistas abertas e aplicação de questionários estruturados,

⁶ A propósito do exemplo de Collins cabe registrar que observou-se que a vigilância discriminatória em estabelecimentos comerciais, objeto do exemplo de Collins, é enfrentada por imigrantes brasileiras, latino-americanas e por ciganas em Lisboa.

⁷ Por incentivo das batuqueiras, comecei a tocar e participar das demais ações do Baque Mulher como integrante do grupo. Isso contribuiu significativamente para a pesquisa e compreensão dos aspectos

foram coletadas informações para traçar um perfil do grupo de Portugal. Os dados serão apresentados sempre que possível de maneira analítica, em aproximações com a discussão teórica do item anterior.

Em entrevista inicial com quatro integrantes da coordenação do Baque Mulher Lisboa, em 13/01/2020, apuramos que o núcleo português foi criado em abril de 2019, após a ida de uma batuqueira pernambucana do Ylê Axé Oxum Deim à cidade do Porto para ministrar oficinas e se apresentar no festival “Pé na terra”. Grande parte das fundadoras do núcleo local participou das oficinas. Já havia em Portugal um grupo misto de maracatu, o Baque do Tejo, de onde vieram também algumas batuqueiras, e que contribuiu com o Baque Mulher emprestando instrumentos e promovendo apresentações e oficinas em conjunto.

Durante o mês de março de 2020 aplicou-se um questionário estruturado com perguntas de múltipla escolha e questões abertas junto a 13 batuqueiras. Tendo em vista que cada encontro semanal do grupo reunia na época entre 10 e 15 participantes, a amostra pode ser considerada representativa. Entre as respondentes dez são brasileiras e três são espanholas. Das 13 entrevistadas, cinco ingressaram entre janeiro e março de 2020 e me referirei a elas como novatas. Oito das entrevistadas entraram no grupo em 2019, sendo três fundadoras, e a este grupo maior chamarei de veteranas. Metade das veteranas não tocava antes de ingressar no baque mulher e três das cinco novatas também não tinham experiência musical anterior.

Entre as veteranas entrevistadas, duas têm entre 21 e 30 anos e seis estão na faixa dos 31 a 40 anos. Com as novatas a proporção é inversa: são quatro na faixa até 30 anos e apenas uma com mais de 30. Trata-se de um grupo de mulheres adultas, cuja principal atividade em Lisboa é a formação, o aperfeiçoamento ou o exercício profissional. Nove das entrevistadas têm como principal atividade em Lisboa o trabalho, havia também três estudantes de pós-graduação – uma fazia doutorado em design, outra fazia pós-doutorado em engenharia e tecnologia naval e oceânica, outra fazia especialização médica em geriatria – e uma entrevistada não respondeu à questão sobre sua atividade em Lisboa. Entre as profissões citadas pelas batuqueiras estão despachante aduaneira, designer gráfica, designer de serviços e tecnologias, trabalhos manuais (artesanato), marketing,

estéticos, das técnicas de execução dos instrumentos e das formas de organização do grupo, tendo amplo acesso às plataformas digitais fechadas empregadas para a articulação interna.

tradução, produção multimídia, atuação como atriz, funcionária de cervejaria/bar, além do que muitas ainda complementavam a renda com atividades eventuais (bicos) variadas.

Uma pergunta com resposta aberta revelou um empoderamento “interpessoal” (COLLINS, 2019, p. 451) que o Baque Mulher Lisboa proporciona: o estabelecimento de uma rede de apoio e afetos. A questão foi: “Que conexões o Baque Mulher Lisboa traz para sua vida?”. Indicou-se como “temas possíveis: integração e contato com outras mulheres, religiosidade, conexão com a música, ação social e/ou feminismo”. Enquanto a música é uma das motivações apontadas por 6 integrantes, 10 batuqueiras mencionaram o feminismo e 8 das 13 entrevistadas citaram também contato com outras mulheres como motivação. Uma das batuqueiras deu a seguinte resposta:

o Baque Mulher Lisboa me ensina sobre a importância e o valor de ter uma rede de mulheres por perto, me ensina sobre empoderamento feminino e me conecta com a cultura e a história do maracatu no Brasil, especialmente com o papel das mulheres dentro desta tradição e cultura de resistência e ancestralidade.

O depoimento acima é de uma das fundadoras do Baque Mulher Lisboa, que migrou da Espanha, trabalha como tradutora e começou a tocar alfaia no Baque do Tejo. Para as estrangeiras, além da música e do feminismo, o convívio com outras mulheres é uma importante motivação para estar no grupo. Expressões como “sororidade”, “integração de imigrantes” e “empoderamento artístico, social e humanos” foram usadas pelas respondentes da questão.

Elas descrevem atuação no maracatu Baque Mulher como uma alternativa à rotina restrita em torno do trabalho, como escreveu outra veterana brasileira, que atua na área de design:

Tenho uma rotina de trabalho muito fechada e individual, poder fazer parte de um grupo que me inspira, e que me tira do ambiente de trabalho, ajudando também a lidar com a minha ansiedade, deu mais sentido à minha vida. Com o Baque Mulher pude conhecer pessoas incríveis, as quais admiro e pretendo levar comigo para sempre.

Temas do domínio disciplinar do poder (COLLINS, 2019, p.443) como ações envolvendo a organização do Carnaval, atos e manifestações públicas e a redação e assinatura de manifestos e cartas mobilizaram também Baque Mulher. O grupo teve papel de protagonismo na criação da Agremiação de Carnaval de Lisboa para articular aspectos

relacionados à festa, como os locais e as taxas cobradas para os desfiles, junto à Câmara Municipal. Integrantes do grupo participaram da elaboração e divulgação de uma carta coletiva cobrando apuração da agressão da Polícia a duas brasileiras na região da Rua Rosa, onde funcionam bares, restaurantes e outras casas noturnas. As participações em reuniões de organização e/ou tocando nos atos políticos como as Greves do 8 de Março e a Marcha pelo fim da violência contra mulheres (anual em 25 de novembro) são também ativismos relacionados ao domínio disciplinar do poder. Como observa Judith Butler (2018, p.60), “trata-se de atores subjugados e empoderados que buscam tirar a legitimidade de um aparato estatal existente que depende da regulação do espaço público de aparecimento para sua autoconstituição teatral”.

No grupo de Whats App “Baque Mulher Lisboa”, que é utilizado para marcar ensaios, encontros e organizar apresentações e outras atividades, algumas das integrantes deixam avisos quando há vagas para serviços temporários de promotoras de produtos em supermercados e lojas, também quando ocorre uma demanda por substituição ou reforço ocasional em bares e outros locais, informações sobre vagas em quartos e para divisão de moradias, ou ainda sobre medidas governamentais relacionadas à documentação das estrangeiras para ingresso nos sistemas bancário e de saúde. Infere-se que são mensagens visando ao acesso a “domínios estruturais do poder” (COLLINS, 2010, p. 438).

Nos encontros semanais houve depoimentos das batuqueiras dando conta de que aprender a tocar em um grupo misto é difícil porque os homens ora subestimam a capacidade das mulheres ora são mais exigentes com os erros delas. “Aqui nós não temos medo de errar”, comentou uma das coordenadoras do grupo. Percebe-se que se expressar através da música, esse campo da arte historicamente dominado por homens no ocidente, em um ambiente de “acolhimento” como descreveram as batuqueiras é uma forma de fortalecer a autoestima das mulheres e de lhes dar acesso a elementos expressivos do campo da arte e do sensível. Inferimos que o domínio da técnica de um instrumento foi um empoderamento interpessoal para mais da metade das entrevistadas que não tocavam antes de ingressar no grupo. Nas reuniões semanais as mulheres encontram o que Collins (2019) denomina espaço seguro para as mulheres negra, termo aqui estendido às imigrantes do baque.

Se a dominação pode ser inevitável como fato social, é improvável que ela permaneça hegemônica como uma ideologia no interior dos espaços sociais em que as mulheres negras falam livremente. Esse domínio de um discurso

relativamente seguro, mesmo que restrito, é uma condição necessária para a resistência das mulheres negras (COLLINS, 2019, p.185).

Vale pontuar que aprender a tocar abre uma possibilidade de apresentações remuneradas com outros grupos e bandas, tendo impactos relacionados ao domínio estrutural do poder. Nas apresentações do Baque Mulher Lisboa em ruas e praças arrecada-se uma livre contribuição do público, passando um chapéu. Há também shows remunerados, em festivais e palcos privados. Em ambas as situações os recursos vão para um fundo do grupo. A esse caixa soma-se uma contribuição mensal das batuqueiras no valor de 10 euros, que não é obrigatória e só deve ser paga pelas integrantes que estejam em condições financeiramente. Os recursos são gastos mediante decisões coletivas.

Na reunião de 03/02/2020, por exemplo, foi aprovado o uso de parte da reserva do caixa para pagar o domínio anual do site oficial do Baque Mulher, já que matriz de Recife não tinha recursos. Os demais empregos da verba tratados nos encontros posteriormente foram: apoio para ações sociais na comunidade do Bode; aquisição e manutenção de instrumentos; remuneração de oficinas principalmente no período de *lockdown* da pandemia do SarsCov2, quando houve oficinas *online*; e empréstimos a integrantes do grupo de Lisboa que passavam por dificuldade financeira, em dois casos pontuais. Conforme Angela Davis (2017, p. 19) “o pré-requisito mais importante para o empoderamento é a possibilidade de obter um sustento adequado”. Vai nesse sentido o suporte financeiro emergencial possibilitado a batuqueiras e apoiadores do grupo de Lisboa, bem como a contratação das oficinas ministradas de forma remota por brasileiras que tiveram sua fonte de renda nas apresentações musicais, ou em outras atividades sem vínculo empregatício, paralisadas durante a pandemia.

3.1 Loas das “feministas de baque virado”

O Baque Mulher Lisboa iniciou seu desfile no Carnaval de 2020 com a loa de autoria da Mestra Joana intitulada “Sou mulher negra empoderada”. Esta canção contempla boa parte das temáticas presentes no repertório do grupo. Funciona de fato como uma espécie de abre alas. A levada de andamento acelerado reitera os sentidos da letra, cujo primeiro verso – homônimo ao título – explicita quem é o sujeito no discurso. Trata-se de uma identidade duplamente minoritária, mulher negra, mas que está em um contexto de força, configurado pelo uso do adjetivo “empoderada”. A letra ressalta

valores contra-hegemônicos ao abordar o candomblé: “Trago o axé da nação nagô”. Explicita o posicionamento político do grupo, em versos como “Feministas do baque virado / Mulheres guerreiras tocando tambor”. O sentido de poder está também na disposição para a luta (guerreiras) e no domínio interpessoal do fazer musical. Tocar o tambor funciona como metáfora para guerrear contra a opressão do patriarcado: “não há violência / ou machismo qualquer / que cale meu tambor / eu sou baque mulher”.

No universo cancional dos maracatus, os orixás e as narrativas do candomblé são pilares para uma autodefinição contra-hegemônica⁸. No Baque Mulher a exaltação das divindades mulheres ocorrem com maior frequência, como na loa “Poder feminino”. Ao executá-la, a orquestra percussiva dialoga com o gênero ijexá enquanto a letra fala da deusa Oxum, mobilizando signos associados ao feminino. A ala de agbês realiza uma coreografia que reproduz movimentos da dança da Orixá nos rituais de candomblé. “Deusa da beleza Oxum / é o poder feminino / seu templo sagrado é osogbo / ô ô ô ô / E aqui no Brasil vamos tocar tambor / Em seu louvor / Pra tradição se preservar”, afirmam os versos iniciais, ressaltando que a transmissão das tradições se dá através das novas gerações e com a proteção da Orixá: “As crianças vão cantar / No balanço ijexá / Ora yeyeô / Yalode, orixá / Na força das águas conservar / Vai manter, vai cuidar / Mãe do ventre por amor / Divindade yorubá / Yapetebi orùnmilá”. Essa é a única composição de autoria de homens adotada no repertório de 2019 – 2020⁹.

Composta pela batuqueira Helen Abramo, a loa “É por esse baque” parece ecoar o lema “erguer-nos enquanto subimos” (DAVIS, 2017, p.17). A letra começa exaltando o estar juntas, a sororidade: “É por esse baque que eu ergo a voz / Eu não ando sozinha / eu venho por mim / Venho por todas nós”. A melodia e os versos se repetem criando um efeito de suspense. Na medida em que a loa se desenvolve, a expressão “eu não ando sozinha” ganha novos sentidos. Na segunda parte da letra, orixás femininas (Yemanjá, Oxum e Iansã, também chamada de Oyá), seus elementos (ondas, maré) e suas qualidades (brilho, coragem) aparecem em uma construção que associa a união entre mulheres à conjunção com o sagrado. As divindades são mencionadas no canto de resposta aos versos

⁸ Há estreitas ligações entre os terreiros e os maracatus de baque virado. Alguns autores caracterizam os Maracatus Nação como candomblé de rua. Os grupos têm como integrantes um número significativo de alabês, músicos que tocam nas cerimônias religiosas dos ylês. As rainhas e princesas que executam a performance de dança são frequentemente ialorixás do candomblé. Muitas vezes as sedes dos terreiros abrigam os ensaios, oficinas musicais e outras atividades educativas das orquestras.

⁹ Os autores são Rudah Felipe e Robson Batista.

que afirmam: “E se mexer com ela com ela / eu não vou deixar”. A primeira resposta é: “Esse baque é maré / vem das ondas mulher / filhas de Yemanjá”. A segunda resposta aciona atributos das duas outras orixás: “Mulher guerreira / com brilho de Oxum / e a coragem de Oyá”.

A maioria das canções dos maracatus – e das loas do Baque Mulher a que tivemos acesso – podem ser associadas ao tipo cancional que Luiz Tatit¹⁰ chama de temático. Na tematização são comuns as melodias que operam pela “contração, seja pelo andamento acelerado, seja pelas frequentes reiteraões” (TATIT, 2004, p.76), de forma a favorecer a definição das células rítmicas e seu agrupamento. Uma das exceções à tematização no repertório do Baque Mulher é a loa “Maria da Penha é forte”.

A lei brasileira que dá um tratamento especial à violência contra a mulher é abordada nessa loa, o que inclui no repertório do grupo questões do domínio disciplinar do poder. Dialogando com uma melodia de uma cantiga infantil de domínio público, “Maria da Penha é forte” tem características de uma tipologia cancional que Luiz Tatit (2004, p.77) chama de entoativa ou figurativa, na qual os versos são cantados de maneira às vezes mais acelerada e às vezes de modo mais lento no mesmo trecho melódico, porque o que importa é o que está sendo dito. Além de exaltar a mulher que “com sua força e coragem / fez a lei acontecer”, a loa busca dar informações úteis: chega a citar o número e o ano da lei, nos versos em que fica cabal o caráter entoativo da canção, porque os vocais aceleram para dizer o número “onze mil trezentos e quarenta” e desaceleram para completar “do ano dois mil e seis”.

A negritude, a religiosidade afro e o combate às opressões interseccionais envolvendo mulheres negras são temáticas recorrentes nas composições executadas pelo Baque Mulher, para além do recorte aqui adotado. Há uma convergência temática no discurso poético-musical do Baque Mulher. As mulheres são ao mesmo tempo sujeitos, enquanto batuqueiras e cantoras, e objetos de um discurso afirmativo nas composições e performances.

¹⁰ Tatit analisou em seu doutoramento 700 canções que tocaram nas rádios no Brasil e desenvolveu uma tipologia de classificação para elas. O pesquisador chegou a três tipos básicos de compatibilidade entre letra e melodia: “tematização”, “figurativização” ou “entoação” e “passionalização”.

Considerações finais

Neste estudo investigamos como um maracatu fundado por mulheres negras, da periferia do Recife, contribui para erguer (DAVIS, 2017) mulheres brancas, negras e mestiças que partilham a condição de imigrantes em Lisboa. O slogan “Movimento de empoderamento feminino” conduziu a reflexão teórico-conceitual baseada em textos de referência do feminismo negro. Refletir sobre os sentidos de empoderar demonstrou que um emprego produtivo do conceito é aquele que leva em conta as interseccionalidades, agências, disputas e avanços em direção à emancipação social, política e econômica das minorias. Conquistas individuais empoderam quando seus efeitos se desdobram em alguma dimensão pública, seja de âmbito comunitário interpessoal ou da macropolítica.

As mulheres que integram o baque mulher têm em comum o combate à opressão patriarcal e agregam ao movimentos pautas interseccionais relacionadas aos movimentos negro e LGBTQIA+, aos imigrantes, entre outros. O Baque Mulher Lisboa, assim como os núcleos das demais cidades, mantem a unidade utilizando as redes telemáticas, plataformas digitais e um sistema de organização colegiado, liderado pela Mestre Joana, criadora do movimento. A preocupação com a formação e o aperfeiçoamento das batuqueiras através de oficinas ministradas pelas integrantes mais experientes e com vínculo sólido com a sede de Recife contribui para o fortalecimento e ampliação do grupo, bem como para sua expansão em novos territórios. O aprendizado artístico em um ambiente considerado “acolhedor” pelas percussionistas fomenta a organização coletiva com impactos na esfera de poder interpessoal e da capacitação laboral para a arte.

É inegável a contribuição dos versos das loas na difusão de discursos de emancipação, de sororidade/união, de autoestima e de afirmação de tradições religiosas e culturais afro-brasileiras, empoderando tanto as batuqueiras e dançarinas quanto o público das apresentações, nos âmbitos interpessoal e contra-hegemônicos.

Somando-se à circulação de mensagens através da dança, da música e do discurso das loas, o fato de fomentar o diálogo entre mulheres para a partilha de experiências e conhecimentos de várias ordens; para a articulação de atos públicos e de ações sociais de combate à opressão das minorias, enfim, para a troca informações visando os domínios estrutural e disciplinar do poder, assegura que o Baque Mulher é um “movimento de empoderamento feminino”.

REFERÊNCIAS

BAQUE Mulher Lisboa. **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/baquemulherlisboa/>. Acesso em: 11 de ago 2020.

BAQUE Mulher Lisboa. **Fanpage**. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/baquemulherlisboa/about/?ref=page_internal. Acesso em: 09 dez 2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e política das ruas**: notas para uma teoria alternativa de assembleia. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAVALCANTI, Joana D'Arc da Silva. Primeira mulher a assumir a regência no maracatu nação, Joana conta sua história. Reportagem do **Coletivo Maruim**. Disponível em: <https://youtu.be/i2vd5TSzaJA>. Acesso em: 18 jul. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CUNHA, Maximiliano Wanderley Carneiro da. O som dos tambores silenciosos: performance e diáspora africana nos maracatus nação de Pernambuco. **Tese de doutorado**, Antropologia, UFPE, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1092>. Acesso em: 24/03/2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DE LARA, Bruna; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela; BARIONI, Paola; MALAQUIAS, Thaysa. **#Não me Khalo**: feminismo além das redes. Santiago de Compostela: Através Editora, 2019

MESTRA Joana. **Portifólio**. Disponível em: <http://nacaoencantodopina.maracatu.org.br/release-de-mestra-joana/>. Acesso em: 27 mar 2020.

MOVIMENTO Baque Mulher FBV. **Fanpage**. Disponível em: <https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/>. Acesso em: 24 mar 2020.

REGIMENTO INTERNO DO BAQUE MULHER. Recife: mimeo, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TATIT, Luiz. **O Século da Canção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.